

O aborto e o darwinismo

Ivanaldo Santos
Filósofo (ivanaldosantos@yahoo.com.br)

Um dos argumentos mais utilizados pelo movimento que defende o aborto é que o ser humano é um produto da natureza e, por conseguinte, é uma espécie animal como outra qualquer. Este argumento tenta fazer uma ligação entre o ser humano, a natureza e o aborto. De acordo com essa linha de pensamento abortar, ou seja, matar o feto ainda no ventre da mãe é um ato natural, produzido pela própria natureza. Essa linha de pensamento é apresentada nas universidades e demais centros de estudos superiores, na TV, na escola e em outros ambientes sociais.

A teoria que afirma que o ser humano é produto da natureza e, portanto, é apenas mais uma espécie animal foi desenvolvida pelo biólogo inglês Charles Darwin no século XIX. Ela ficou mais conhecida como teoria da evolução das espécies. Esta teoria gerou muitas polêmicas e contribuiu para o desenvolvimento de várias outras teorias científicas no campo da biologia, da botânica e outras áreas da pesquisa científica. Essas pesquisas científicas geralmente são apresentadas sobre o rótulo de *darwinismo*.

Como toda teoria científica a teoria da evolução das espécies está cercada por críticas e por sérias dúvidas. Entretanto, não é intenção desse pequeno artigo apresentar e discutir as críticas e objeções de cunho ético, filosófico, teológico e de outras formas que são constantemente realizadas a essa teoria.

Apenas deseja-se fazer uma pequena relação entre essa teoria, ou seja, entre o darwinismo e o aborto. Visto que essa relação é feita pelo próprio movimento que defende a prática do aborto.

Vamos partir da seguinte hipótese: a teoria darwinista está completamente correta e todas as dúvidas, críticas e objeções a essa teoria foram resolvidas. Dessa forma, a frase que sintetiza essa teoria é uma expressão da realidade. Essa frase é a seguinte: “O ser humano é produto da natureza, assim como qualquer outra espécie animal e, portanto, deus não existe”.

Dentro dessa hipótese é impossível se pensar, discutir e realizar um aborto, ou seja, o assassinato do feto ainda no ventre da mãe. O motivo é claro e simples, na natureza nenhuma espécie animal pratica o aborto. O aborto é antinatural e contrário à

natureza. Na natureza uma fêmea de qualquer espécie animal dá a luz a todos os filhos que gerou.

Na natureza uma preocupação constante das espécies animais é com a sobrevivência da própria espécie. Somente com a sobrevivência da espécie é que os indivíduos são capazes de estabelecer um projeto de vida autônoma. O aborto é uma ameaça à existência da espécie, justamente porque mata e destrói os fetos da própria espécie, ou seja, destrói a esperança de sobrevivência e continuidade da espécie. As diversas espécies animais presentes na natureza podem até lutar entre si por causa, por exemplo, de comida e de água, mas nenhuma espécie tem um projeto de autodestruição. É por causa disso que as espécies animais presentes na natureza não praticam o aborto. Elas simplesmente seguem a lei natural estabelecida pela própria natureza.

A conclusão que se pode tirar é que o argumento que tenta aproximar o darwinismo do aborto é uma grande mentira pregada, atualmente, livremente na sociedade. Se realmente os defensores do aborto fossem seguir este argumento ao pé da letra, sequer seria possível pensar no aborto, justamente porque na natureza nenhuma espécie tem um projeto tão negativo como este.

Entretanto, é necessário frisar que há, basicamente, dois fatores decisivos para se construir uma tentativa fracassada como a de ligar o aborto ao darwinismo. O primeiro fator é que essa tentativa visa dá um caráter “científico” e “natural” ao aborto. Já que o aborto é uma prática altamente rejeitada pela sociedade, para que a própria sociedade passe a perceber essa prática com olhos positivos é preciso torná-la “natural” e “científica”. O segundo fator é desfiar a atenção da opinião pública sobre a gravidade do aborto. Além de ser um assassinato, o aborto é uma prática que coloca em risco a própria sobrevivência da espécie humana. Entretanto, isto não é alertado e nem sequer discutido.